

A PATRIA.

FOLHA DEDICADA AOS MELHORAMENTOS DA PROVINCIA.

PROPRIETARIOS E REDACTORES:

Bacharel—Agésilau Pereira da Silva e Antonio Gentil de Souza Mendes.

Theresina.— Sexta-feira, 28 de Outubro de 1870.

Labor omnia vincit.

Patria totus et ubique.

Assinaturas:

Anno..... 10:000—Seis meses... 6:000

Escritorio da redacção

Rua Bella n.º 35.

EXTERIOR.

SUMMARIO — Horrorosa batalha de 54 horas quasi continua. 80 mil mortos e feridos e 8 mil prisioneiros francezes. Derrota do exercito francez do commando de Mac-Mahon—Ferimento deste valente general e capitulação do resto do seo exercito—Napoleão prisioneiro dos prussianos—Revolução em Pariz—Invasão da casa do corpo legislativo pelo povo e proclamação da república.— Formação do governo republicano.

NOTÍCIAS DA EUROPA

A Pernambuco chegou no dia 27 de Setembro o vapor inglez La Plata trazendo as malas da Europa.

Foram assombrosas as noticias que trouxe com relação á guerra franco-prussiana.

Eis os successos pela sua ordem chronologica:

Depois das terriveis batalhas de 14 a 18, dadas todas nas proximidades de Metz sobre o caminho de Verdun, em que as perdas foram immensas de parte a parte, e cujo resultado final foi serem os francezes repellidos para Metz e seus arredores, não podendo romper para Verdun, caminho de Chalons, os exercitos belligerantes ficaram tão mal tratados que até o dia 30 de agosto—não tornou a haver nenhuma acção formal. Aquellas batalhas foram dadas entre o exercito de Bazaine e os do principe Frederico Carlos, do rei Guilherme e do general Steinmetz. Os prussianos desde o começo da guerra até o dia 18, isto é, em menos de 15 dias, tiveram 150 000 homens fóra de combate! As perdas dos francezes não são bem conhecidas, mas também foram enormes. Entre os prussianos mortos e feridos, conta-se a flor da aristocracia berlimense, dos estados confederados, e da Bavieira, Bade e Wurttemberg, cujas familias tem todas os seus membros validos na guerra.

O duque de Magenta (marchal Mac-Mahon) retirando-se destracado do campo da batalha de Woerth, tinha levado as suas tropas através dos Vosges á linha do Mosella, e não podendo ou não querendo reunir-se em Metz ao grosso do exercito francez commandado por Bazaine, tinha se retirado por Nancy a Chalons, onde estava reorganizando-se e reforçando-se, quando tiveram lugar as batalhas junto de Metz de 14 a 18. Seguiu-nos a distancia e para o sul do sul, o corpo de exercito prussiano do principe real, que parecia querer adiantar-se á Pariz.

Suppunha-se também que Mac-Mahon queria disputar-lhe o passo nesta marcha. Mas o facto é que nenhum destes dois corpos de exercito quiz vir ás mãos com o outro, que Mac Mahon continuou a permanecer em Chalons, onde também estava o imperador, e que o principe real, vendo a inacção de Mac Mahon, susteve também a sua marcha

sobre Pariz, se acaso tivera a intenção de para allí se dirigir.

Finalmente o principe real, pouco pressuroso fez um pequeno reconhecimento sobre Chalons, e Mac Mahon com o imperador e com todo o seu corpo de exercito abandonou aquelle campo. Suppoz-se a principio que o fim d'aquelle movimento era retirar sobre Pariz, e diz-se que tivera aquelle pensamento que alguém lhe aconselhara da capital. Mas converia ao imperador depois de tantas derrotas entrar em Pariz sem que os seus exercitos tivessem ao menos ganho uma batalha? O facto é que Mac Mahon e o imperador com as forças de Chalons se dirigiram para Reims e de lá para Vouziers e Sedan no intuito conhecido de atravessar o Mosa e seguir a linha de Mentzely e Thionville a fazer a sua junção com Bazaine.

Esta idea strategica não era talvez má, se o proximo se podesse fazer rápido e directo de Chalons a Metz, podendo apanhar os corpos de exercito do principe Carlos e de Steinmetz entre dois fogos antes q̄ o principereal com o seu corpo de exercito viesse em auxilio dos dos prussianos. Porém fazendo um grande circuito pelo norte para se apoiar em praças fortificadas e para cos-tear a fronteira belga, de onde na-la tinha a receber, perdeu Mac Mahon um tempo precioso, dando lugar a que o principe real prussiano podesse vir por uma linha mais curta oppôr-se á passagem do Mosa, e fazer elle primeiro a sua junção com os outros corpos de exercito prussiano que estacionavam ou manobravam pela maior parte entre o Mosella e o Mosa, n'uma linha obliqua entre Metz e Sedan. Foi o que succedeu. E o caso não era difficil de prever, porque o proveu perfeitamente o redacter estrategista do Times, o qual disse antes do facto succeder, que a marcha de Mac Mahon para se juntar a Bazaine, não sendo feita com segredo e rapidez, podia produzir o effeito contrario, isto é, dar lugar á junção previa do principe real com os outros corpos de exercito prussiano para baterem Mac Mahon antes que elle fizesse a sua junção com Bazaine.

Vamos ver como as coisas se passaram, segundo o que se pode colher das correspondencias mais ou menos conformes dos jornaes provenientes do theatro da guerra e das suas proximidades

No dia 29 o marchal Mac Mahon, tendo operado o seu movimento de Reims para leste ao longo da Belgica, passa o Mosa perto de Sedan; mas não o passou sem difficuldades e perdas, porque lhe disputaram a passagem tropas do commando do principe da Saxonia ou do general Steinmetz. Todavia effectuou a passagem, e no dia seguinte (30) está na margem direita do Mosa em direcção a Carignan. Neste dia e nesta posição tem lugar uma batalha desfavoravel aos francezes, porque logo ao principio o corpo do general Faily, que defendia a ala direita, é surpreendido de manhã cedo antes de ter levantadas as tendas e quando as tropas tomavam a fé, estando desapercibidas e a

cavallaria despoitada. O general Faily é morto, tendo perdido 20 canhões, 11 metralhadoras e 7000 prisioneiros. Porém Mac Mahon, apesar de aquelle desastre, sustenta valerosamente o combate até de noite, retirando em boa ordem, e passando a noite a pouca distancia do campo de batalha ainda na margem direita do Mosa.

No dia 31 Mac Mahon, tendo naturalmente perdido a esperanza de continuar a sua marcha para Thionville e Metz continua a retirar ordenadamente em direcção a Sedan para se apoiar naquella praça e sendo de novo atacado pelos prussianos, ganhou nesse dia algumas vantagens, sobretudo do lado de Sedan, obrigando as tropas prussianas, ou partes dellas, a reparar o Mosa. Esta batalha terrivel, algumas povoações tomadas e retomadas durante a acção ficaram incendiadas, destacamentos inteiros, não só francezes, mas também alguns prussianos, são obrigados a refugiar-se em territorio belga onde são desarmados pelo exercito de observação do conde de Flandres, segundo as leis da neutralidade.

No dia 1.º de setembro verificam-se as previsões do Times; chega o exercito do principe real da Prussia ao campo da batalha apparecendo sobre a direita Mac Mahon quando este já combatia com as forças do principe Frederico Carlos e do principe de Saxonia, e chega igualmente o corpo de exercito do rei, procedente de Barde-Duc, que parece não tinham entrado no combate dos dias anteriores.

Cercados por todos os lados, combatendo com forças muito superiores e alijados frescos, o exercito francez é derrotado, retirando-se á noite desordenadamente para dentro das muralhas da pequena praça de Sedan. O marchal Mac-Mahon, ferido na batalha, entra no territorio belga e toma em seu lugar o commando o general Vimpffen, que tinha chegado para substituir o general Faily.

Encerrados em Sedan, cercados por um numerozo exercito sem viveres nem munições para tanta gente, atulhando as ruas onde seriam inutilmente sacrificados, se os prussianos os bombardassem a praça, os francezes capitulariam ou antes renderam-se, não tendo outra couza a fazer. Foi na noite do dia 1.º de setembro que teve lugar a capitulação, mandando o imperador, que se achava também em Sedan, entregar a sua espada ao rei da Prussia.

O que fazia no entanto Bazaine em Metz, diante do qual o principe Frederico Carlos não podia ter deixado uma grande parte do seu corpo de exercito, porque quasi todo combatia contra Mac-Mahon? Ou ignorava completamente o que se estava passando junto de Sedan ou tinha diante de si, como se assevera, além de partes do corpo do principe Frederico Carlos, um novo corpo de exercito chegado da Alemanha. O que é verdade é que não pôde vir em auxilio de Mac Mahon e foi mais uma vez repellido para dentro de Metz e do seu campo entrincheirado.

Os campos de batalha junto de Sedan ficaram literalmente cheios de cadaveres. Foi uma carnificina horrivel. Espadões inteiros de cavallaria desappareciam ante o fogo barbaro das metralhadoras e das novas peças de artilharia. O exercito de Mac-Mahon devia ter 120:000 a 140:000 homens. Nos trez dias ficaram fóra de combate 23:000. Entraram na Belgica 12:000. Os que se entregaram pela capitulação de Sedan foram 87:000 com 480 peças 70 metralhadoras, 10:000 cavallos e grande quantidade de material de guerra.

Foi no dia 2 pela manhã que o imperador se foi apresentar ao rei Guilherme no quartel general em Vandresse. Ia na sua carroagem com uniforme de general, acompanhado de varios generaes entre os quaes Lebrun e Felix Douay, coronel de creados com libre verde o qual precedido por dous ulianos a cavallo. O imperador ia fumando um cigarro. O rei da Prussia fixou-lhe a sua residencia em Wilhelmshöhe proximo de Cassel, para onde o imperial prisioneiro partio logo.

A noticia do grande desastre só tarde foi conhecida em Pariz. Parece que no dia 31 noite só a conhecia a imperatriz e o governo. Sabia-se porém ou desconfiava-se no publico que tinha havido uma grande derrota para as armas francezas. No dia 3 á meia noite durava ainda a sessão do corpo legislativo, fechando-se a essa hora para se reunir no dia 4, domingo, ao meio dia. Então já o desastre era conhecido. Muito povo, guardas nacionaes e soldados rodeavam o edificio do corpo legislativo, alguns soltando imprecções contra o imperador e dando vivas á república, enquanto a imperatriz recusava abdicar os seus poderes de regente na assemblea como algumas pessoas aconselhavam.

Na sessão da noite do dia 3 Julio Favre tinha apresentado uma proposta assignada por quasi todos os deputados da esquerda para que fosse deposto o imperador Napoleão e a sua dynastia dos poderes que a constituição lhe conferia, e que se nomeasse uma commissão com todos os poderes do governo com a expressa missão de dirigir a defeza do paiz e repeller a invasão. Ao abrir-se a sessão de domingo o ministro da guerra propõe que se nomeie uma commissão de defeza nacional que assignara os decretos dos ministros, o que vinha a ser um governo provisorio, sem se fallar no imperador. O Sr. Thier, propõe que se nomeie uma commissão de defeza e de governo, e que logo que seja possível se convoque uma constituinte. O pensamento mais ou menos explicito era todo o mesmo. Estas propostas são declaradas todas tres urgentes e a camara suspende a sessão para se dividir em sessões e nomear a commissão que ha de dar parecer. Porém nesta occasião já muita gente incluindo guardas nacionaes, tinha invadido o palacio e as galerias da camara pediam em altas vozes a deposição do imperador, dando vivas ao exercito e a república. As tropas que estavam postadas junto do corpo legislativo ouviam silenciosas estes brados. Afinal a multidão, povo, soldados, guardas nacionaes, invadem a camara dando vivas a república, apesar de todos os esforços de Gambetta, de Julio Favre e do presidente Schneider para que deixem deliberar a camara, assegurando que sua decisão seria conforme com os votos do povo. Vão-se pelos extractos da sessão de todos os jornaes de Pariz e pelo que contem os que assistiram que os deputados republicanos fizeram todos os esforços para que não proclamasse a república, querendo antes um governo provisorio de defeza, porque a república, se não poder resistir aos prussianos teria de acarretar com a responsabilidade de assignar uma paz, mais ou menos humilhante. Porém nada pôde conter a multidão, a camara não pôde deliberar, nem os deputados regressar a sala das sessões completamente invadida. A turba apoderou-se da cadeira da presidencia e da tribuna, rasgou os papéis que encontrão, tocou a campainha, isto é, fez o que faz sempre.

No meio desta anarchia os deputados da esquerda foram ao hotel de Ville e formaram um governo provisorio proclamando a república. O governo ficou composto de onze membros, todos os deputados de Pariz, menos Thiers, que parece se recusara a isso, e que são os seguintes: Jules Favre, Garnier Pages, Manuel Arago, Gambetta, Ferry, Glais Besoin, Jules Sigon, Pelletan, Rochefort, Cremieux, e Picard. Este governo

onhou o seguinte ministerio, em que por um singular confusao entram alguns dos membros do proprio governo: general Trochu, presidente; Gambetta, reino, Jules Favre, estrangeiros; general Le-Flo, guerra, almirante Fouchon, marinha; Ernest Picard, fazenda; Cremieux, justica; Jules Simon, instrucao e cultos; Durieu; obras publicas; Magnin, agricultura e commercio.

A imperatriz, abandonada das que a cercavam nos dias da prosperidade, recolhida as suas proprias doulas, e quasi so abandonada e assistida pelo seu parente o Sr. Fernando Lesseps, fundador da companhia do canal de Suez e por a coiza primaiza Elidita, retirou-se para a Belgica, sem que nenhuma pensasse em segui-la.

A noite a populacao entregava-se a toda a delirio e a todas as repositas por se ter proclamado a republica, que muitos dos que a aclamam não sabem o que se, sem se lembrarem dos desastres da Franca e do furo de milhares de familias pelos soldados e officiaes mortos em deliza da patria. Soma de furo impune!

Algumas das principaes cidades da Franca, Bordeaux, Lyon e Marselha, proclamaram a republica no mesmo dia.

Os primeiros actos do governo provisorio foram abolir o senado, dissolver o corpo legislativo e convocar uma camera constituinte, que deve ser eleita no dia 18 de outubro. Ha de o ser bem, se entao não estiver feita a paz. Outro decreto da ministria ampla a todos os crimes politicos depois do dia 2 de dezembro de 1852, e um outro autorisa o fabrico e a venda livre das armas. Em virtude da lei da amnistia que isenta do exilio entraram em Paris os principes de Orleans, porém um telegrama de Paris diz que o governo provisorio lhes pedira que saíssem de Franca. Victor Hugo tambem chegou a Paris, e com o seu praeito de escrever cartas a todo o universo escreveu logo uma aos prussianos, appellando para a fraternidade universal e dizendo que bombardear Paris era um acto barbaro. Não se julga que seja esta carta que faga parar as hostes germanicas. Aretionica ultra romantica de Victor Hugo não é coisa que abale o pedantismo philosophico de alem do Rheno.

Alfante publicamos a circular diplomatica do Sr. Julio Favre ministro dos negocios estrangeiros, e redigida em termos de moderacao, dignidade e energia. Lembra que o rei da Prussia declarou que não fazia a guerra ao povo francez, mas ao governo imperial. Esse governo já não existe e as forças prussianas continuam uma guerra devastadora. O governo da republica está prompto a fazer a paz, e a dar todas as garantias da sua consolidacao, mas não cedera nem uma pollegada do territorio nacional. Esta circular responde ás exigencias da imprensa allemã, e cremos que do governo prussiano, que quer exigir da Franca as duas provincias que occupam da Alsacia e da Lorena. A verdade é que não haverá, supponmos, nenhum governo francez, republicano ou monarchico, que consinta em tal cederencia, senão depois de esmagada a Franca.

No entanto os prussianos continuam a marcha sobre Paris e no dia 12 ou 13 deste mez deveriam estar diante dos seus muros.

O marechal Bazaine, cuja rendicao se noticiara antes, sustenta-se ainda, mas cercado por toda a parte, com 20.000 feridos nos hospitais, logo que as provisões lhe faltarem sera de capturar. Strasburgo com a sua pequena guarnicao, commandada pelo bravo general Fribre, sustenta-se heroicamente.

Uma parte da cidade está em ruinas. A cathedra, um dos primeiros monumentos architectonicos da Europa, tem sido muito damnificada pelos projectis inimigos. A bibliotheca com mais de 7.000 manuscritos, foi presa das chamas. A civilizacao sua sangue e lagrimas por todos os pores. O veneravel archebispo de Strasburgo, duas vezes enviado como parlamentar ao campo prussiano para moderar os rigores do sitio que tinham de inutil, morreu afinal de afflicao e de cansaço. E todavia no quinto scento o papa Leão, o Grande, impedia Atilla e as suas hostes barbaras da devastarem Roma. Afinal porém os brados da civilizacao e da humanidade fizeram-se ouvir, e o rei da Prussia deu ordem aos sitios para que bombardassem só as fortificacoes e não a cidade. O governador da praça mandou pedir aos inimigos flos e ligaduras para os feridos, e estes mandaram-lhos. O marechal Bazaine entregou aos prussianos 700 prisioneiros feridos. O governo dos Estados-Unidos mandou pelo telegrapho reconhecer e saudar a republica franceza.

São encontradas as opinioes sobre a possibilidade de Paris resistir por muito tempo ao investimento dos exercitos prussianos numerosas e triumphantes. Segundo os juizes francezes as actuaes forças disponiveis da Franca, que são as forças do general Vinoy, que não chegou a tomar parte na batalla de Sedan e tem em seguida, o exercito de Lyon, que organ em 100.000 homens, os depositos e os novos corpos que acabam de ser organizados, chegam a 300.000 homens. Demos-lhe 200.000, e não iremos longe da verdade. E pouco para 100.000 prussianos ou mais, que continuam a receber corpos frescos e bem organizados da Alemanha.

Comearam a mudar-se as officinas para fóra de Paris. Um decreto autorisa a sahida para Tours do supremo tribunal de justica.

Pelas ultimas noticias sabe-se que durante as ultimas batalhas de Sedan o marechal Bazaine, fez estogos desesperados para sair de Metz e romper as linhas inimigas e vir acudir a MacMahon. Os prussianos fazem grandes elogios, e bravura dos francezes nesta tentativa, que não puderam realizar. Commandava as forças prussianas em torno de Metz e habil general Stein-metz.

Justica a todos. Na hora do abandono, de tantos e tantos que o imperio tinha concluido de favo-

res, só o senado foi fiel ao infortunio. Os senadores, reunidos quando se está proclamando a republica, protestaram contra a violacao do corpo legislativo e separaram-se dando vivas ao imperador e a dynastia.

E' notavel, muito notavel, a sessao das membros do corpo legislativo na sala da presidencia, em quanto a sala das sessões estava invadida, no Hotel de Ville se proclamava republica e se inaugurava o governo provisorio. O Sr. Thiers disse que sem approvar o que se tinha feito entendia que era politico auxiliar o novo governo, de facto no deliza da patria.

Alguns deputados da direita queriam protestar contra a convocao da assemblea legal eleita pela Franca. O Sr. Thiers lembrou então que o imperio tinha começado exactamente no dia 2 de dezembro de 1852 pela violacao da assemblea legal e representantes da Franca, e denunciou pela primeira vez os membros inviolaveis. Quem com isto muda com ferro more.

O governo francez ao receber a noticia do desastre de Sedan publicou a seguinte proclamação:

Francos! Uma grande desgraça! Uma patria. Depois de tres dias de lutas heroicas sustentadas pelo exercito do general MacMahon contra 300.000 inimigos, foram feitos prisioneiros... 100.000 homens, e o general Vimpffen que tinha tomado o commando do exercito substituido MacMahon, que fora governemente ferido, assignou a capitulacao. Este trazel revez abala a nossa coragem.

Paris está hoje em estado de defeza. Organizaram-se no paiz forças militares. Antes de poucas dias acharam-se ha um novo exercito e ha as muralhas de Paris. Nas margens do Loire está se formando outro exercito. O vosso patriotismo a vossa uniao e a vossa energia salvarão a Franca. O imperador foi feito prisioneiro na luta. O governo de accordo com os poderes publicos, toma todas as medidas que comporta a gravidade dos acontecimentos.

Paris, 1, as 11 da manhã.—O primeiro acto do governo republicano foi a seguinte circular do novo ministro do interior:

Aos Srs. Perfeitos, sub-perfeitos, governador geral de Argelia e a todas estações telegraphicas de Franca.

Republica franceza.

Ministerio da interior. A deposicao foi pronunciada no corpo legislativo; a republica foi proclamada no palacio da municipalidade e um governo de defeza nacional composto de 11 membros todos deputados por Paris, foi constituido e ratificado por aclamacao popular. Os nomes são:

Arago Emmanuel, Grenieux, J. Favre Gambetta, Garnier Pagés, Glais, Bizoin, Peletan, Picard, Rochefort, Jules Simon. O general Trochu é conservado ao mesmo tempo nos seus poderes de governador de Paris e nomeado ministro da guerra em substituição do general Pallikao.

Os seus collegas decretaram-lhe a presidencia e fizeram affixar immediatamente e proclamar sendo necessario, a presente declaracao.

Pelo governo da defeza nacional, o ministro do interior.

LEON GAMBETTA—Paris, 4 de setembro de 1870.

A folha official de Paris publicou uma proclamação do governo provisorio ao exercito, no qual diz:

Abolindo a dynastia, que é responsavel por todas as desgraças, a Franca pratica um grande acto de justica e faz ao mesmo tempo um acto de salvacao.

A nação carecia de levantar-se por si mesma e contar só com duas cousas; a resolucao que é invariavel e o vosso heroismo que não tem igual.

Não somos governo de um partido mas governo de defesa nacional. Não temos senão um fim e uma vontade; a salvacao da patria pelo exercito e pela nação.

Eis a circular de Julio Favre:

Explicam-se tão claramente pela logica inexoravel dos factos os ultimos acontecimentos de Paris que é inutil insistir mais detidamente acerca da sua significacao e dos seus resultados.

Deixamos-se levar por um impulso irresistivel, contido durante largo espaço, o povo de Paris obedeceu a uma necessidade superior, a da propria conservacao, não querendo morrer com o poder criminoso que ia conduzindo a Franca para sua ruina.

Não se pronunciou a destituição de Napoleão III e da sua dynastia; o que se fez foi condemnalo em nome do direito, da justica e da salvacao da patria; e tão justificada em todas as consciencias estava esta sentença, havia muito tempo, que nem um unico dos defensores mais ardentes do poder cedido se levantou para o sustentar. Afundou-se elle proprio sob o peso dos seus erros, no meio das aclamacoes de um povo immenso, sem se derrearar uma gota de sangue, sem que pesara alguma fosse privada da liberdade; e—caso unico na historia—os cidadãos a quem o povo conferia o perigoso encargo de combater e de vencer, não pensam um momento sequer, nos adversarios que ainda na vespéra os ameaçavam com as penas militares, recusando-lhes a honra de qualquer providencia repressiva, que puzesse mais a descoberto a sua cegueira e impotencia.

Não foi perturbada a ordem; a nossa confiança na disciplina e no patriotismo da guarda nacional e do povo inteiro permittem-nos affirmar que não continuará a vergonha e o perigo de um governo traidor a todos os seus deveres; todos comprehendem que o primeiro acto da soberania nacional é o dirigirse cada um pela sua propria vontade e procurar força no acatamento do direito. Além disso, o tempo caminha; o inimigo está ás nossas portas; apenas devemos ter um pensamento unico: repellit-o para fora do nosso territorio, e esta obrigacao que accoimos resolutamente, não a haviamos imposto a Franca, que não teria hoje de a supportar se a nossa voz fosse ouvida.

Defendemos, energicamente a riscos da nossa propria popularidade, a politica da paz e perseveramos nella cada vez mais profundamente convencidos.

Dilheira-se-nos o coração á vista de tamanha carnificina, em que desaparece a prosperidade de duas nações, que com um tanto mais de sensatez e liberdade ampla, teriam evitado estas catastrophes. Não temos palavras que possam traduzir a admiracao pelo nosso heroico exercito, sacrificado pela incapacidade do commando superior, e unior ainda nas derrotas do que nas brillantes victorias, por que sabedor dos erros que o punham em risco, correu valorosamente a morte inevitavel, reivindicando a honra do governo que era tambem a da nação. Quiz separados e poder imperial, mas enfeados o dever e o infortunio em tanto fraternal, soldado pelo patriotismo e pela liberdade. Tornamos invencivel esta allianca.

Deposto a tudo, afrontaremos com serenidade a situação que atravessamos. Deino esta situação em poucas palavras e submittida á presenca de meu paiz e da Europa inteira.

Continuamos a guerra, e protestando o nosso acedimento pelos direitos dos povos, pedimos que se deixasse a Alemanha livre para decidir dos seus destinos; queremos que a liberdade fosse simultaneamente o nosso bem commum e o nosso common bem estar.

Estamos convencidos de que as nossas forças moraes asseguravam a paz para sempre; mas como sancioo reclamamos uma arma para cada cidadão. Nesse caso teriamos sido invenciveis no nosso territorio. O governo imperial terra separado os seus interesses do paiz que condemnou esta politica. Nos reivindicamos as aspiracoes da paz, confiado em que a Franca, custada pela experiencia, conseguira realisalas.

Pela sua parte o rei da Prussia declarou que fizo guerra não a Franca mas a dynastia; a Franca ergueu-se livre e o rei da Prussia quer perseguir n'uma luta impia que, pelo menos, lhe ha de ser tão fatal como a nós. Quer dar ao sculo XIX o espectáculo de duas nações que se despedaçam uma a outra e que, esquecidas da humanidade, da razão e da sciencia, amontoam ruinas, cadaveres e cinzas. Se é um repto o contrahir tal responsabilidade perante o mundo e perante a historia, accitamos-o.

Não cedemos uma pollegada do nosso territorio, nem uma pedra das nossas fortalezas. Seria guerra de extenuacao um paiz vergonhoso. Em quaesquer circunstancias se negociamos uma paz duradoura, pelo nosso interesse e pelo da Europa e esperamos que, despida de qualquer preocupacao dynastica, a questao será posta deste modo nas mãos da diplomacia.

Não desanimamos ainda que nos vissemos abandonados. Temos um exercito resolute, fortalezas bem aprovisionadas, o recinhlo bem defendido e principalmente os peitos de 300.000 combatentes, decididos a defender-se até a ultima.

Quando o povo deposita coroaos aos pés da estatua de Strasburgo, não obedece unicamente a um sentimento de admiracao e de entusiasmo; váo robustecer o seu patriotismo e tornar-se dignos dos seus irmãos da Alsacia, prometendo morrer, como elles, defendendo primeiro as trincheiras, depois as muralhas e por fim as barricadas. Paris pode sustentar-se tres mezes e ha de vencer. Se succumbisse, a Franca, correndo ao seu chamanento, vingal-a-hia destruindo os aggressores.

Eis, Sr. Ministro, o que a Europa deve saber. Não accitamos o poder com diferente proposito, nem o conservaremos se não virmos a povoacao de Paris e a Franca inteira decididas a aceitar as nossas resolucoes. Compendal-as-hei em uma unica phrase: diante de Deus que nos ouve e da posteridade que nos ha de julgar, declaramos que a nossa aspiração é a paz, mas se continuar a guerra funesta que condemnamos, empriremos o nosso dever até o fim. Tenho a mais intima confiança em que ha de triumphar a nossa causa, que é a do direito e da justica.

Encarrego-vos, Sr. Ministro, de explicar neste sentido a situação ao governo junto do qual estas acreditado e ao qual deixareis copia deste documento.

Paris, 7 de Setembro de 1870—Favre.

Os periodicos francezes publicam interessantes pormenores da invasão das Tuilherias pelo povo no dia da revolucao. Eis alguns extractos.

A multidão affinia a praça da Concordia. Ao mesmo tempo percorriam os laes grupos de cidadãos soltando os gritos, mil vezes repetidos de Viva a republica! e de Abaixo os Bonapartes! repetidos immediatamente por milhares de vozes.

A porta do jardim reservado está formado um batalhão da guarda nacional. O povo é tão compacto, que é quasi impossivel contolo. São mais de sessenta mil pessoas a comprimir-se reciprocamente e a suprimirem os primeiros obstaculos, ficando-lhes de continuo muitos outros para vencer. Na porta do palacio está o regimento de granadeiros da guarda, de bayoneta calada; á frente delles, e de sabre em punho, o general Mellinet.

Demos, porém, aqui a palavra ao Figeiro, que narra esta scena e as que lhe succederam no interior do palacio melhor do que nos o poderiamos fazer:

Entretanto diligenciavam outras turbas forçar os portões das Tuilherias, e derrubavam as quatro aguias que os coraçavam com o auxilio de espingiflas dos proprios guardas nacionais, postados niti para obstarem á invasão do palacio.

Quando as aguias caíram, ouviu-se uma voz exclamar:—Em vinte segundos destruímos o que elles levavam vinte annos a fazer!

Elle seguida forçou a multidão a gradaria, inundou os jardins, ao passo que a guarda exterior se recolhia á casa da guarda sem oppor a minima resistencia. Só ao pé do pavilhão do Relogio é que se conserva firme um pelotão de caçadores da guarda com varios generaes. Entretanto estão o dramaturgo Sardon e um redactor do Gaudois recommendando prudencia e advertindo o povo de que aquelle pelotão pode de um momento para outro fazer fogo; mas o povo não se cansa de gritar furioso que quer arriar a bandeira que fluctua nas Tuilherias.

Afinal vão os dous escriptores e um guarda movel parlamentar com os generaes. O general Mellinet e o Sr. Lesseps recebem-os ao portão do jardim reservado, e Mellinet, subindo a uma cadeira diz ao povo:

—Não fallei nunca no meu dever, e por isso ainda hoje não faltarei a elle. Tenho ordem de fazer respeitar este palacio e hei de fazer respeito, salvo se o general Trochu me ordenar o contrario. O que posso e permitir que a guarda nacional renda a fropa que me está confiada.

Viva Mellinet! Viva a guarda nacional! bradavam os turbos; mas ao mesmo tempo operava violenta oscillao na multidão, que em um momento força a entrada do jardim reservado e o invade. Ao cabo de dez minutos apparece um grupo de pozmos trazendo a bandeira que fluctuava no alto do pavilhão do Relogio, e apenas o povo avista a bandeira, desentranha-se em vivas á republica.

Os guardas nacionais põem as armas ao hombro com as coronhas para o ar; Mellinet dirige-se para a praça do Garraissel, e o povo percorre os jardins entoado a Marselha no jugo do entusiasmo.

O palacio estava quasi completamente vazio; não tinham derivado de desertar genio o pessoal das cozinhas e um só do que se dizia subconseroador da palacio de Saint Cloud e o secretario do general Lepie, o qual entregou a Bayonet uma chave que lhe permitto entrar nos aposentos reservados.

O secretario do general parecia estar profundamente consternado. Que terrivel situação está! disse elle a Bayonet. Desventurada imperatriz, desapareceram no esbaldamento!

As salas de recepcao do primeiro andar conservavam o seu aspecto ordinario; contudo vir-se da praça do Carroussel que não tinham cortinas as janelas. No andar inferior era incrível o desalinhado. A imperatriz parcia pouco antes; tudo pelo menos o indicava. Houve contudo quem nos affirmasse que se fóra na noite anterior das duas para as tres horas.

Vultimos nos aposentos imperiaes, que se achavam attulidos de malas, caxotes e caixas de papellio. No quarto da imperatriz estava ainda uma cama, mas sem roupa.

Bayonet, a quem devemos estes pormenores, não está familiarizado com a topographia das Tuilherias. Era contudo o que nos disse ter visto nos quartos do imperador e do seu filho.

Em cima de um sofa estava uma espada de encaixa meio desenhada, no chão, em cima de um montão de numerosos de Gaudois, da Opinion National e do Figeiro, um estogo de revolver e uns poucos de chapéus redondos; nos armarios havia grande numero de caixas de charutos abertas, e o que é mais singular, muitos frascos de phosphato de ferro, e em cima de uma cadeira um par de chinelas. No gabinete do principe imperial estavam no chão muitos soldados de chumbo.

Numa sala da imperatriz estava o livro de registro do palacio. Nobi que lhe tinham rasgado a folha que correspondia a 4 de setembro.

Os lampeões dos corredores estavam meio apagados.

N'um quarto proximo vi uma mesa em que estavam ovos, pão e queijo, que depois um guarda movel comecou. No gabinete do imperador viam-se por toda a parte nuappas da Prussia, bustos e estatuas do principe imperial, um busto do proprio imperador, figurinos dos uniformes dos diferentes corpos do exercito prussiano, e varios livros anotados, entre os quaes figurava um de Mirecourt, etc., etc.

Entre os objectos que ficaram abandonados, citarei apenas um bonet grego, feito de penas de pavão, e tendo por dentro bordado a ouro as letras C. L. X.

Ninguém commetteu o minimo desmando no interior das Tuilherias, sob a guarda, como disse-mos, das forças moveis e nacionais. O serviço regular da guarda nacional deve ter-se a estas horas restabelecido.

Mandou-se depois preparar um almoço para os guardas; não sei que tal terá sido. Só me constou depois que era detestavel o vinho.

Em muitas paredes appareceram escriptos com carvão muitos disticos semelhantes a estes:

Morra a latria! Casa para alugar. Respeito á propriedade nacional! e outros semelhantes.

Ultimo pormenor: Cobriram-se com pannos brancos os AX da gradaria das Tuilherias, e collocaram-se cordas de perputas no sitio em que estavam as aguias que foram derrubadas.

O imperador Napoleão, na sua retirada para Cassel era acompanhado de muitos officiaes generaes, entre os quaes estava um dos seus ajudantes de campo, o general Castelnau, os generaes de Reille, de Vaubert, o principe Ney de la Moskowa e de vinte officiaes de diversas graduacoes. Muitos officiaes superiores do exercito prussiano representavam n'este cortejo o commandante em chefe dos exercitos allemes, S. M. o rei da Prussia que alcançara do governo belga permissoes para Napoleão passar pelo nosso territorio.

A carruagem do ex-imperador era precedida d'um esquadrao de caçadores do exercito belga, á estribeira cavallavam um official belga e um escondeiro da casa imperial. A carruagem era seguida de vinte carros com as bagagens do prisioneiro.

Domingo ao meio dia estava Napoleão em Libramont. O comboio que devia leve-lo não estava ainda prompto, e a ex-majestade teve de esperar uma hora. Esta hora passou-a o ex-imperador metado na sala de espera da estação de Libramont, a outra metade na plataforma, conversando com diversas pessoas, especialmente com o conde de Montholon, que não podia reter as lagrimas. Vou para Cassel, disse Napoleão. Foi notada por todos a sua indifferença, do que elle sahiti só quando lhe entregaram um despacho datado de Manhege, e que dizia assim:

Imperador Napoleão.
Em Bouillon ou em Libramont.
O principe está aqui de perfeita saude.
Espera as vossas ordens.
Afinal arranjou-se o comboio com um pequeno numero de carruagens, que foram occupadas pelo

atrefada, e denuncia tudo um verdadeiro dia de galla.

Napoleão foi recebido como um hospede e não como um prisioneiro. Ficou todo o palacio á sua disposição.

Um numerozito sequito de quarenta pessoas, com grande quantidade de criados, acompanharam-no, e serão igualmente sustentados pelo rei.

Napoleão levou 85 cavallos, e umas poucas de carruagens—tantas e tantas que qual cabem nas accommodações d'aquelle palacio príncipesco. O rei mandou criados graves e cosinheiras de sua casa, e tudo está disposto para tornar a residência de Napoleão tão agradável quanto possível.

Na apparencia é senhor de si, e pade, como bem lhe parece, andar de carruagem pelo parque, dar reuniões ás tardes, e terminar o dia na opera real de Cassel.

A escolha do palacio de Wilhelmshöhe é devida ao desejo que o rei tinha de ser agradável á sua distincta visita. Por diversas razões, relativas á sua situação presente e ao estado de sua saude, repugnava a Napoleão ir para as provincias de lèste. Só restava por conseguinte escolher entre Wilhelmshöhe e Hohenfels, os dous únicos palacios reais na Prussia do Oeste sufficientemente grandes para o receber. Mas Hohenfels, situado n'uma altura que domina o Rheno e tendo só um dominio de pouca importancia, seria menos vantajoso para um convalescente do que Wilhelmshöhe, que fica mais no campo, e que tem famosos jardins e um parque até ao rio.

Escolheu-se pois Wilhelmshöhe. É uma residencia esplendida, muito sadia e muito isolada, porque depois da chegada do imperador, a entrada no parque de palacio foi prohibida ao publico.

—Os fossos da muralha de Paris tem fachinas saturadas de petroleo, para serem incendiadas quando o inimigo intentar assaltar a praça.

A ponte de Joinville está minada com os noventa e cinco kilogrammas de polvora.

Todos os que tiverem deposito de petroleo são obrigados a declaral-o á policia.

—Já se acham bem resguardadas as preciosidades existentes na fabrica de Sedan.

—Eis aqui o theor da capitulação de Sedan:

Art. 1.º O exercito francez, sob as ordens do general Wimpffen, achando-se actualmente cercados por tropas superiores em redor de Sedan, fica prisioneiro de guerra.

Art. 2.º Vista a valorosa defeza d'este exercito francez, são isentos todos os generaes e officiaes, bem como os empregados superiores com gradação de official, que derem a sua palavra por escripto, de não pegarem em armas contra a Alemanha, e de não procederem por qualquer modo contra os seus interesses até e fim da guerra actual. Os officiaes e empregados que aceitarem estas condições conservarão as armas, e o que pessoalmente lhes pertença.

Art. 3.º Todas as armas, bem como o material do exercito, consistindo em bandeiras, aguias, artilheiras, munições etc., serão entregues em Sedan, a uma commissão militar e instituida pelo general em chefe, para serem entregues immediatamente aos commissarios allemães.

Art. 4.º A praça de Sedan será entregue no seu estado actual o mais tardar na tarde do dia 2, á disposição de sua magestade o rei Guilherme.

Art. 5.º Os officiaes que não tiverem contrahido a obrigação mencionada no art. 2.º bem como as tropas desarmadas serão conduzidos, em ordem militar, nos seus regimentos ou corpos.

Esta medida começará no dia 2 de setembro, estará concluida no dia 3.

Em Frenois, 2 de setembro de 1870.

De Moltke, Wimpffen.

—Londres, 22 de setembro.—Confirmou-se a noticia de terem sido repelli-

dos os prussianos em frente de Toul; o ataque foi geral, e feito em duas columnas, uma da linha do Meuse, e outra da linha do Moselle. O combate foi muito renhido. O fogo da guarnição sustentado e irresistivel particularmente na porta do Moselle, e a perda dos prussianos foi tamanha que ao romper do dia estavam em completa debandada; a continuação activa do sitio foi abandonada; uma força prussiana ficou em posição nas alturas de Donmartin e Grondville, e outra perto de Vauclouers e Foug, mas a maior parte do corpo assaltante partiu a reunir-se ao exercito em frente de Paris.

NOTICIAS DO METZ.

Cabem habões constantemente vindos de Metz, alguns dentro e outros fóra da linha prussiana; um encontrado agora mesmo annuncia que a condicão do exercito em Metz é excellente, as provisões abundantes, estando os prussianos inactivos e soffrendo da peste; que confirmasse a noticia tantas vezes repetida de que os prussianos empregam os prisioneiros a trabalhar no canal e nas estradas, e que o marechal Bazaine usa de direito de represalia com os allemães, que se acham em seu poder.

—Londres, 22 de setembro.—Um correspondente especial em Bolonha diz que o caminho de ferro de Paris a Ronen foi occupado por tropas francezas alem de Nantes e Ronen; todas com portinhola para mosquetaria, e que o caminho será defendido resolutamente.

—O rei Guilherme comunica á rainha Augusta que o ataque de Paris está agora completo. Uma avançada franceza ao norte de Paris foi repellida com perda de 7 peças e 2,500 prisioneiros.

Relatam-se obscuramente derrotas dos prussianos succedidas em Athis e Mous.

—Mundelsheim, 22 de setembro.—O cerco de Strasburge continúa vigorosamente; a bateria n. 52 foi tomada, pelos prussianos sem grandes perdas, conjuntamente com 5 peças da bateria n. 53.

—Tours, 22 de setembro.—Deu-se uma revolta geral dos arabes na Alegria; os caçadores da Africa receberam ordem immediatamente de embarcar de Marseille para Gran, e outros portos da colonia.

Annuncia-se que o imperador Napoleão pretende fazer um manifesto, e que o senado se reunira em Limoges.

Corre o boato de que Lyons será considerado temporariamente como capital da França. O governo provisorio está disposto a reprimir os excessos dos vermelhos.

—Liverpool, 22 de setembro.—Alguns carregamentos de algodão e outros generos chegaram aqui recentemente procedente do Havre, onde foram embarcados para impedir que caissem nas mãos dos prussianos. Ainda lá estão navios carregando com o mesmo destino, e outros já se fizeram de vela.

RUSSIA E TURQUIA.

Londres, 22 de setembro.—Um telegramma recebido do Havre esta noite relata que tem-se suscitado complicação entre a Russia e a Turquia, e observa que pôde rebentar a guerra entre as duas potencias.

REPUBLICANISMO EM LONDRES.

A demonstração em Londres, na segunda feira á noite, foi da maior importancia, e significação. A praça Trafalgar foi coberta por uma compacta massa do povo. As diferentes classes operarias marchavam em precisão para a praça, precedidas de bandas de musica, conduzindo tochas transparentes e estandartes. Por todo o caminho as casas estavam illuminadas, e das janellas pendiam bandeiras da França, America e Inglaterra.

O correspondente especial World contou não menos de 30 bandeiras americanas flutuando por toda a extensão do caes entre Somerset House e Trafalgar-square. A marça reunida foi presidida

por Mr. Merriman, e os discursos eram todos com emphases em sentido republicano. As musicas tocavam o Star-Spangled Banner, e o povo cantava a marseleza. O sentimento era todo amigavel ao povo germanico, mas mui mordaz contra os principes allemães.

Entre as resoluções lidas e adoptadas por aclamação, houve uma offerecendo os agradecimentos por parte da classe operaria da Inglaterra ao New-York Herald, por ter enviado seus representantes para que estes dessem uma verdadeira descripção das demonstrações feitas pela democracia ingleza, n'esta grande crise dos destinos da Europa, que a America pôde conhecer o que o povo ingloz está fazendo para sustentar as recém-nascidas esperanças de republicanismo em França, e para americanisar as instituições da Gran-Bretanha.

ITALIA.

Vae ter lugar um plebiscito para decidir se Roma deve ser a capital do reino.

Um contingente de cada divisão do exercito italiano occupou a cidade de Roma em quanto que o resto acampou fóra dos muros. As tropas pontificias quando capitularam eusarilharem as armas e desfilarão diante dos italianos victoriando freneticamente Victor Emmanuel.

A legião para foi para Civita Vecchia esperar a conclusão dos arranjos que se estão fazendo para os transferir aos seus respectivos paizes.

As perdas dos italianos entre mortos e feridos são muito diminutas.

O povo de toda a Italia está entusiasmado pela realisação da unidade italiana.

As grandes cidades estão cheias de regosijos. Tem havido illuminações e fogos de artificio.

A FRANÇA E OS ESTADOS-UNIDOS.

Em consequencia do prompto reconhecimento dos Estados-Unidos da republica franceza houve esta manifestação de sympathia ao representante desse estado em Paris:

—Hontem, ás 3 horas e meia, uma manifestação das mais entusiasmadas partiu do boulevard das Capuchinhas, e encaminhou-se para a legação americana, rua de Gaillot.

A bandeira americana dos Estados-Unidos acompanhava a bandeira tricolor á frente da columna. Tinha sido lida a nota do Sr. Warburne inserta no Diario Official da manhã, e ia-se, em nome da republica franceza agradecer pelas sympathias do seu governo ao representante da livre Americana.

Defronte do ministerio da marinha, o posto inteiro da guarnição sae e apresenta as armas ás duas bandeiras, em quanto os tambores rufam á carga.

Vae-se depois saudar a estatua de Strasburgo, e de chapu na mão, quatrocentos bocanos que compoem a demonstração, fazem a seus pés o desejo de morrer pela patria.

Um mobilie destacou-se da multidão, e escreve a lapis no pedestal da estatua, os dois versos de Corneille modificados pela circumstancia:

«No derradeiro suspiro o ultimo Prussiano ver
Eu só ser-lhe a causa, e morrer de prazer!»

Aclamação e denodado grito; depois, ás aclamações Viva a America! retoma-se o caminho da legação.

O primeiro secretario da embaixada, o coronel Wickham-Hoffman, mostra-se á janella.

Toda a gente se desloca.

Senhores, diz o coronel, o Sr. ministro está doente. Assim mesmo vae experimentar se pode vir á vossa presença. Esperando, elle encarregou-me de exprimir-vos a sua gratidão por esta amistosissima demonstração, e de dizer-vos que seu governo, muito sympathico á causa franceza, receberá noticia della hoje á tarde.

Estas palavras são acollidas com immenso entusiasmo que se augmenta á vista da bandeira franceza, que acaba de ser içada ao lado da bandeira americana na fachada da legação.

Um filho dos Estados-Unidos que se acha nas fileiras da manifestação, solta neste momento um energico hurrah! repetido á america por um mar de bocas francezas.

O ministro americano, pallido, apresenta-se na janella, sob as daltas dos dois estandartes.

Is a alloução dirigida ao ministro da America pelo chefe da manifestação.

Vimos, em nome de um grande numero de cidadãos francezes, certos de sermos approvados e seguidos pela nação inteira, pedir-vos que apresenteis ao vosso governo nossos agradecimentos pela espontaneidade com que respondeu á notificação de nossa republica franceza. Reverse-vos, Sr. ministro, grande parte de nossos agradecimentos, pelas palavras gratiosas que ditou-vos o coração, communicando-nos a adhesão do vosso governo; o povo francez ha de lembrar-se sempre das excellentes palavras do ministro americano.

Não esperavamos menos desta grande e generosa nação, cujas aspirações e principios estiveram sempre em communhão com as idéas da França. A America e a França são irmãs, irmãs na republica, isto é, irmãs na liberdade.

• O Oceano que nos separa é menos profundo que os sentimentos que unem.

• Respondeu assim o embaixador americano:

• Senhores:

• Agradeço-vos pelo meu governo esta demonstração. Terei grande prazer, ao transmitir os agradecimentos que exprimisestes com tanta eloquencia, pela acção de um governo reconhecendo a nova Republica de França.

• Na minha communicação a que fazeis tão graciosa allusão, nada mais fiz que exprimir os sentimentos do presidente e do povo dos Estados-Unidos. O povo americano toma profundo interesse pelo movimento que acaba de ser inaugurado em França e abandonar-se ha aos votos os mais ferventes, pela felicidade e prosperidade do povo francez.

• Viveudo sob a forma de um governo republicano, elles sabem apreciar-lhes os beneficios, e hoje, com corações commovidos e palavras eloquentes, felicitam sua antiga allida pela consummação desta revolução pacifica e pura de uma nobreza de sangue, que deve reclamar o interesse profundo de todos os homens esparsos no mundo, que amam a liberdade.

Esta resposta foi levada pelos delegados ao ministro dos negocios estrangeiros.

Ao receber-lhes, explicou-lhes de novo Julio Favre a condicção que o povo no da defeza nacional se dispunha a seguir diante do inimigo, e que se resumia nestas palavras:—Por honrosa ou guerra a toda transa.

Depois desta alliva declaração separou-se a manifestação, aos gritos de:—Viva Julio Favre! Viva a Republica!

REVISTA SEMANAL.

Sociedade emancipadora.

Hontem, ás 6 horas da tarde, reuniram-se em casa do major Antonio J. de A. Baccellar, a convite do Exm. Sr. Dr. Antonio Coelho Rodrigues, os amigos deste senhor que haviam resolvido afferecer-lhe um baile em signal de regosijo pela sua chegada a esta capital, e da estima que lhe consagram. Compareceram a reunião os Exm. Sr. vice-presidente e chefe de policia, que haviam sido igualmente convidados.

Reunidos que foram alli, o Sr. Dr. Coelho, principiando por agradecer cordalmente aos seus amigos a manifestação de estima e apreço que lhe haviam dado, pediu-lhes permissão para dar a quantia subscripta para o baile um outro destino, que não era senão a libertação de sete ou oito creancinhas do sexo feminino.

Applaudida vivamente por todas as pessoas presentes esta generosa idéa, disse o Dr. Coelho que a approvação que o seu pensamento merecera aos seus amigos animava-o a consultal-os sobre ser ou não possível a creação nesta capital de uma sociedade emancipadora, cuja missão seria auxiliada pelo governo da provincia, para o fim de remir annualmente do captivo o maior numero possível de creanças do sexo feminino.

Todos a uma voce adheriram á idéa: então, o Dr. Coelho pediu-lhes que comparecessem no dia 1 de novembro, pelas 10 horas da manhã, no paço da assembleia provincial para o fim de assentar-se definitivamente sobre a creação da sociedade emancipadora, accrescentando que faria pela imprensa um convite geral a todas as pessoas gradas desta cidade, sem distincção de côres politicas, para o mesmo fim.

Dissolveu-se a reunião tendo ficado encarregados, a pedido do Dr. Coelho, os Srs. Eugenio Marques de Hollanda, José Antonio Marques, Honorio Alves Parentes, Manoel Raimundo da Paz e João Gonçalves de Magalhães, de obterem as escravinhas que devem ser alforriadas com o producto da subscrição tirada para o baile.

O acto do Exm. Sr. Dr. Coelho é digno dos maiores encomios, e a idéa da sociedade emancipadora não pôde deixar de ser aceita por todos aque les que sentirem no peito o amor da patria e da humanidade soffredora.

Oxalá que da semente lançada no solo da provincia pelo seu digno representante nasça a arvore mais frondosa; e que esta se carregue em breve de sazonados fructos!

ANNUCIOS.

O abaixo assignado incumbido por algumas pessoas, que pretendem fundar nesta capital uma sociedade emancipadora, de organizar as respectivas bases e convidar todos os cidadãos que quizerem concorrer para tão louvavel fim,—vem por meio deste rogar á quantos se dignarem auxiliá-las que no dia 1.º do mez proximo vindouro compareçam no salão da assembleia legislativa provincial, ás 10 horas da manhã.

Theresina, 27 de outubro de 1870.

A. COELHO RODRIGUES.